

---

## Mao Tse-Tung: Dialética ou Estratégia do PCC?

---

Nildo Viana\*

O pensamento de Mao Tse-Tung, em especial seus textos *Sobre a Contradição e Sobre a Prática*, é saudado por muitos como “a mais importante contribuição teórica ao marxismo-leninismo até o momento. São duas obras fundamentais da História da Filosofia. E da História” (Moderno, 1979, p. 9). De onde surgiu este dogmatismo? Na verdade, a própria obra de Mao Tse-Tung reflete o doutrinário. O doutrinário de Mao Tse-Tung se expressa, por exemplo, na sua linguagem. Ela possui algumas características tal como a) o argumento de autoridade; b) normativismo; c) utilização recorrente de adjetivos pejorativos; d) apelação para um dogma ao invés de exame e fundamentação das afirmações; e) afirmações categóricas a respeito da sua interpretação de uma concepção de mundo ou dos que dizem concordarem com ela; f) repetição; g) reificação.

Antes de analisar sua “dialética”, faremos uma análise de alguns aspectos do seu discurso de Mao Tse-Tung, no que diz respeito a esta questão, para fundamentar a afirmação acima colocada. O argumento de autoridade é utilizado por Mao Tse-Tung não

---

\* Sociólogo e filósofo; autor de “*A Filosofia e sua Sombra*”; “*Introdução à Sociologia*”; “*A Consciência da História – Ensaio sobre o Materialismo Histórico-Dialético*”; “*Escritos Metodológicos de Marx*”, entre outros livros.

só para confirmar ideias particulares, mas também justificar a totalidade do discurso. A citação de um autor não é realizada para se dizer que ele pensa desta ou daquela forma, seja para criticar ou para concordar, mas sim para avaliar o que foi ou será dito por Mao Tse-Tung, deixando entrever que se fulano disse, está dito, e é verdade. Vejamos alguns exemplos:

“Diz Lênin: ‘no sentido adequado, a dialética é o estudo da contradição na essência mesma das coisas’ (p. 17) .

“Tratando a questão do emprego da dialética no estudo dos fenômenos objetivos, Marx e Engels, também Lênin e Stálin, sempre indicaram que é preciso se precaver de todo subjetivismo e de toda arbitrariedade...” (p. 40).

“A análise de Stálin é para nós um modelo do conhecimento do caráter específico e da universalidade da contradição, assim como de sua recíproca ligação” (p. 40).

Estas afirmações não são analisadas, aprofundadas ou fundamentadas. São tidas como algo “dado”, algo que não tem que ser posto em questão. É como se bastasse a afirmação de uma autoridade para se comprovar a veracidade da afirmação, ou seja, se Marx, Engels, Lênin e Stálin, os “quatro clássicos do marxismo”, disseram, então é verdade. Não se coloca em questão a comparação destas afirmações com a realidade concreta, pois tal se tornou desnecessário. Também não se coloca em evidência a diferença entre as autoridades citadas, pois a interpretação que a última autoridade deu é verdadeira e, portanto, corresponde ao que todos os outros disseram.

O normativismo pode ser demonstrado em algumas afirmações:

“Os comunistas chineses devem assimilar esse método...” (p. 03).

“Devemos sempre nos lembrar das palavras de Lênin...” (p. 40).

“Tal é a lei geral e imprescindível do universo” (p. 43).

“Tal é o caminho já percorrido pela União Soviética, e que todos os outros países seguirão inevitavelmente” (p. 45).

“Devemos reconhecer a ação de retorno do espiritual sobre o material” (p. 47).

“Tal é o processo de conhecimento que todo homem segue dentro da realidade...” (p. 73).

“Se se quer conhecer a teoria e os métodos da revolução é preciso tomar parte da revolução” (p. 73).

“É inevitável que tais pessoas tropecem...” (p. 76).

“O marxismo-leninismo é uma ciência que todos os revolucionários devem estudar e artistas e escritores não são exceção à regra” (p. 95).

“Trabalhar para os líderes é exatamente trabalhar pelas massas, porque é somente por intermédio deles que se as pode educar e orientar” (p. 106).

Muitas outras citações poderiam se acrescentadas, mas seria improfícuo. O número excessivamente elevado de vezes que Mao repete as expressões “devemos”, “é preciso”, “tal é”, etc., demonstra o seu normativismo, bastante próximo ao de Stálin. Sem dúvida, quando se trata de uma análise direta das lutas sociais por parte de alguém engajado, o uso destas expressões é normal. Ocorre, porém, que em certos autores ela se torna exagerada, tal como no caso de Mao. Além disto, os textos citados de Mao não focalizavam as lutas sociais e sim a “contradição”, a “prática”, “a arte e a literatura”.

A utilização recorrente de adjetivos pejorativos é outra característica dos escritos de Mao Tse-Tung. Constantemente, ele se refere aos “dogmáticos”, aos “oportunistas de direita e de esquerda”, entre outros, sem nomeá-los concretamente (quem são estes dogmáticos?) para que o leitor possa conferir por si mesmo e ver se a posição que Mao diz ser deles o é realmente e como eles fundamentam suas posições. O método de rotulação, inaugurado por Lênin, significa dizer que alguém é dogmático, mas não fundamentar tal afirmação (ele é dogmático em que? Onde? Como?). Isto sem falar em expressões menos cavalheirescas, do tipo, “ridículo”, mas que, sem dúvida, possui uma eficácia política junto aos incautos. Tal procedimento é mais típico e usual em Lênin, mas Mao, às vezes, escorrega pelo caminho de seu mestre.

A apelação para um dogma significa que existe um ponto de partida inquestionado e inquestionável, ou seja, um “absoluto” que nunca é posto em questão, e daí se deduz o resto. O dogma maoísta é a chamada “lei da contradição”, que mais à frente refutaremos. Tudo é contraditório, a lei da contradição está em tudo. Mao até tenta explicar o que é a contradição, mas nunca questiona porque ela existe e de onde ela vem. Da mesma forma, um deísta nunca diz por que deus existe e de onde ele veio. Neste sentido, as ideias de Mao Tse-Tung são dogmáticas e uma das características do maoísmo é o dogmatismo.

O doutrinário de Mao Tse-Tung também se revela nas suas afirmações categóricas de sua interpretação de uma concepção de mundo e dos que dizem representá-la. A sua concepção de mundo é isto e aquilo, assim como as demais concepções, e tais afirmações nem sempre são fundamentadas.

Outro elemento que comprova o doutrinário de Mao é a repetição excessiva. Na verdade, Mao busca repetidamente afirmar a mesma coisa do princípio ao fim de seu texto. Parece mais uma lição de tabuada, onde o fundamental é decorar através do “eterno retorno do mesmo”, ou seja, da repetição.

Um último elemento que demonstra o doutrinário dogmático de Mao Tse-Tung se encontra na reificação da dialética. A dialética (ou sua “lei da contradição”) aparece como algo autônomo e independente do ser humano, o seu criador. A dialética está na natureza, no universo, em tudo. Ela possui leis e manifesta a essência do universo. Os seres humanos não a produziram, pois ela existe na natureza. Desta forma, a dialética deixa de ser um método para se tornar um deus que dirige a natureza, a sociedade, etc., ou, em outras palavras, um fetiche.

Mas a obra de Mao Tse-Tung não é doutrinária por qualquer razão. Existe um motivo para que Mao transforme a dialética num dogma. Qual é este motivo? Ao

respondermos a esta questão, responderemos à questão da origem da concepção maoísta da dialética.

Para Mao Tse-Tung, “a lei da contradição inerente às coisas, aos fenômenos, ou a lei da unidade dos contrários, é a lei fundamental da dialética” (Mao Tse-Tung, 1979, p. 17). Mao opõe esta concepção de mundo à concepção metafísica, que considera o mundo como algo imutável ou, quando reconhece a mudança, cai no “evolucionismo vulgar”, que considera a mudança como resultado de causas externas e se caracterizando por um mero aumento ou diminuição quantitativos. Mao Tse-Tung não cita nenhum pensador que defenda tal posição e assim observamos uma generalização abstrata e metafísica que precisa ser explicada. Voltaremos a isto mais adiante.

Na verdade, segundo Mao, as duas concepções de mundo possuem uma característica fundamental: a metafísica vê imutabilidade em tudo e a dialética vê contradição em tudo. Seria difícil descobrir uma contradição numa pedra ou a imutabilidade na natureza, ou seja, são duas concepções metafísicas, pois tanto uma quanto a outra se apresentam como universais e presentes em tudo, sem levar em consideração a especificidade de cada ser e de sua posição no universo.

A metafísica vê a mudança como resultado de causas externas e a dialética vê a mudança como resultado de suas contradições internas Mao Tse-Tung acrescenta:

“A dialética materialista exclui as causas externas? De forma alguma. Ela considera que as causas externas constituem a circunstância das mudanças, que as causas internas disso são a base, que as causas externas operam por intermédio das causas internas. O ovo que recebeu uma quantidade apropriada de calor se transforma em pinto, mas o calor não pode transformar uma pedra em pinto por que suas bases são diferentes” (Mao Tse-Tung, 1979, p. 17).

O grande problema de Mao se encontra no fato de erigir as “contradições internas” em princípio universal de mudança em todos os seres. O exemplo do ovo e da pedra não é muito convincente, pois, se trocarmos a causa externa de calor por frio, podemos dizer

que o frio congela tanto o ovo quanto a pedra. Tal exemplo de Mao pode demonstrar apenas que uma mesma ação externa pode provocar efeitos diferentes em seres diferentes, mas não que a “causa interna” é a base da mudança e que isto se aplica a todos os seres.

A contradição está em tudo e acompanha o processo de desenvolvimento do início ao fim. Essa contradição é, segundo Mao, objetiva, está no mundo, nas coisas. Segundo ele,

“Convém considerar qualquer diferença em nossos conceitos como o reflexo de contradições objetivas. A reflexão das contradições objetivas no pensamento subjetivo forma o movimento contraditório dos conceitos, estimula o desenvolvimento das ideias e resolve ininterruptamente os problemas que se colocam ao pensamento humano” (Mao Tse-Tung, 1979, p. 25).

Tal concepção, sem dúvida, é uma retomada da ideologia leninista do reflexo. Trata-se de uma consciência coisificada. O mundo passa a ser tomada como coisas objetivas, exteriores e independentes dos seres humanos. A consciência humana é, desta forma, mero reflexo da “realidade objetiva” e, se existe divergências entre os seres humanos na forma de conceber esta realidade, isto é fruto do caráter contraditório desta. A consciência não seria ativa e sim passiva.

Mao Tse-Tung afirma, contra Deborine e sua escola, que a contradição está presente no processo de desenvolvimento do início ao fim. Deborine diz que no início não existe contradição, mas apenas diferenças. Para Mao, isto é desconhecer a existência de contradições específicas em objetos específicos, pois cada tipo de formação social, cada forma de pensamento, possui suas contradições específicas e também uma essência específica.

Mao demonstra estar submetido à ideologia burguesa da divisão intelectual do trabalho: “a delimitação das diversas ciências fundamentam-se precisamente sobre as contradições específicas contidas nos respectivos objetos que estudam” (Mao Tse-Tung,

1979, p. 28). De onde surge tal concordância entre Mao e a ideologia burguesa? Surge da ausência das categorias de totalidade e determinação fundamental, fundamentais para o método dialético (Viana, 2007a), pois com esta ausência torna-se possível “isolar” aspectos da realidade e, tal como “faz” aqueles que o próprio Mao criticou, os “metafísicos”, justificar a existência de diferentes ciências para analisar diferentes aspectos da realidade.

Para Mao Tse-Tung, o conhecimento humano parte do específico ao geral e do geral ao específico. Segundo ele, é preciso estudar não só as contradições específicas de um fenômeno como também como elas se manifestam em cada etapa do seu desenvolvimento. Toda forma de movimento é “qualitativamente” diferente. Para Mao, as contradições qualitativamente diferentes só podem ser resolvidas por métodos qualitativamente diferentes. Mao Tse-Tung vai mais longe ainda:

“Dentro de um processo de complexo desenvolvimento de uma coisa ou de um fenômeno, existe toda uma série de contradições: uma delas é necessariamente a contradição fundamental, cuja existência e desenvolvimento determinam a existência e o desenvolvimento de outras contradições, ou agem sobre elas” (Mao Tse-Tung, 1979, p. 43).

Assim, a contradição fundamental se transforma em secundária e vice-versa. Mas entre os contrários não existe apenas luta, pois também há unidade. Afinal de contas, segundo Mao, os aspectos contraditórios não podem existir um sem o outro. Um é condição de existência de outro. Sem vida não há morte e vice-versa. Além disso, um aspecto tende a se tornar o seu contrário mudando sua posição. Isto é o que ocorre na relação burguesia/proletariado, onde o primeiro assume a posição de classe dominante e o segundo de classe dominada e após a revolução tal situação se inverte, pois o proletariado passa a ser classe dominante e a burguesia classe dominada. Tal alteração de posição, no entanto, só ocorre sob determinadas condições. Desta forma, existe a

guerra e a pedra e é só dentro dessas condições marcadas pela identidade que pode haver esta alteração.

Todo fenômeno possui, em seu movimento, dois estados: um de repouso relativo e outro de mudança evidente. No primeiro caso, há apenas mudanças quantitativas. No segundo caso, ao contrário, com o acúmulo das mudanças quantitativas oriundas do primeiro caso, realiza-se uma mudança qualitativa.

Esta ideia de que mudanças quantitativas se acumulam até provocar uma mudança qualitativa não tem a menor fundamentação. No plano social, isto não ocorre necessariamente. Além disso, seria necessário explicitar o que se entende por “qualidade”, “qualitativo”, “salto qualitativo”, etc.

O próximo passo de Mao Tse-Tung é apresentar a sua conhecida distinção entre contradição antagônica e contradição não-antagônica. Para Mao, o antagonismo não é a única forma de luta dos contrários. Geralmente, o antagonismo leva a uma transformação qualitativa, uma ruptura, uma revolução. Segundo as próprias palavras de Mao Tse-Tung:

“As contradições e a luta são universais, absolutas, mas os métodos para resolvê-las, vale dizer, as formas de luta, variam segundo o caráter destas contradições: certas contradições trazem o caráter de um antagonismo declarado, outras não. Seguindo o desenvolvimento concreto das coisas e dos fenômenos certas contradições originariamente não antagonistas evoluem para contradições antagonistas, ao passo que outras originariamente antagonistas evoluem para contradições não antagonistas” (Mao Tse-Tung, 1979, p. 56).

De onde vem o conhecimento humano? Segundo Mao, vem da prática. O conhecimento resulta da prática social. Para Mao, a atividade de produção dos homens é a própria base de sua atividade prática e ela determina todas as outras atividades. Esta engloba, além das atividades de produção, a luta de classes, a vida política, as atividades científicas e artísticas. Dentre estas outras atividades, a luta de classes realiza uma enorme influência sobre o processo de desenvolvimento do “conhecimento humano”. Foi

somente com o surgimento do proletariado e da grande indústria é “que os homens puderam atingir uma completa compreensão histórica do desenvolvimento da sociedade e transforma esse conhecimento em uma ciência, a ciência marxista” (Mao Tse-Tung, 1979, p. 67).

A prática social é o critério de verdade. Para os homens compreenderem o mundo, devem fazer com que suas ideias correspondam às “leis do mundo exterior objetivo”. Mao Tse-Tung coloca que a teoria “marxista” do conhecimento possui duas características particulares: o seu caráter de classe, serve ao proletariado, o seu caráter prático, pois a teoria depende da prática, se fundamenta nela e serve a ela.

O processo de conhecimento atravessa três etapas: a) a etapa da percepção sensível, onde se vê apenas os dados aparentes das coisas, os seus aspectos isolados e sua conexão externa, nesta etapa os homens não podem elaborar conceitos e nem podem tirar conclusões lógicas; b) a etapa do conhecimento racional, onde há uma mudança qualitativa, pois aí se atinge o conceito e as conclusões lógicas; e c) o conhecimento racional volta-se para a prática revolucionária para dirigi-la.

O conhecimento sensível e o conhecimento racional estão unidos sobre a base da prática. É preciso, para haver um conhecimento da sociedade capitalista, que tal sociedade exista, pois caso contrário tal conhecimento é impossível por não haver uma prática correspondente. Segundo Mao,

“Para conhecer diretamente tal fenômeno ou tal conjunto de fenômenos, é preciso participar pessoalmente na luta prática que visa a transformar a realidade, em transformar tal fenômeno ou tal conjunto de fenômenos, porque esse é o único meio de entrar em contato com eles enquanto aparências; da mesma maneira, esse é o único meio de descobrir a essência daquele fenômeno ou daquele conjunto de fenômenos e compreendê-los” (Mao Tse-Tung, 1979, p. 71-72).

Os conhecimentos autênticos, segundo ele, surgem da experiência imediata. entretanto, a maior parte dos conhecimentos adquiridos pelos homens possui como fonte experiências indiretas, tal como no caso de países estrangeiros ou dos séculos passados. Mao afirma que

“Essa é a razão pela qual os conhecimentos de um homem compõe-se unicamente de duas partes: os dados da experiência direta e os dados da experiência indireta. E aquilo que para mim é experiência indireta continua a ser para outros experiência direta” (Mao Tse-Tung, 1979, p. 73).

Esta experiência direta dos outros produz um conhecimento que, se respondeu a exigência de “abstração científica”, reflete cientificamente a realidade objetiva e por isto é equivalente, para nós, a experiência direta. Poderíamos abrir um parêntesis aqui para dizer que o difícil é saber quando os estrangeiros, os antepassados, ou seja, aqueles que tiveram esta “experiência direta”, fizeram “abstração científica” e Mao Tse-Tung nunca diz qual é o critério para se descobrir isto.

O mais importante, porém, não é apenas compreender o mundo objetivo e explicá-lo e sim transformá-lo. Mao diz que:

“O conhecimento começa com a prática. Quando se adquiriu conhecimento teórico pela prática, deve-se ainda retornar à prática. O papel ativo do conhecimento não se exprime somente no salto ativo do conhecimento sensível para o conhecimento racional, mas, além disso, o que é mais importante, deve exprimir-se no salto do conhecimento racional para a prática revolucionária” (Mao Tse-Tung, 1979, p. 78).

Portanto, essas são as concepções de Mao Tse-Tung a respeito da dialética. Os principais elementos desta concepção podem ser resumidos nos seguintes pontos: a) a lei da contradição é universal e está em tudo; b) a contradição acompanha o processo de desenvolvimento do início ao fim; c) em cada objeto específico existe uma contradição específica; d) estas contradições se manifestam de forma diferente em cada etapa do movimento; e) existe uma contradição fundamental que determina a existência das

demais contradições (secundárias); f) em determinada situação pode ocorrer uma inversão de posições entre os aspectos contraditórios existentes tanto na contradição principal quanto nas contradições secundárias, mudando, assim, o aspecto principal da contradição; g) existem duas formas de contradição: a antagônica e a não-antagônica; h) o conhecimento decorre da prática social; i) a compreensão do mundo pressupõe a correspondência entre as ideias e as “leis do mundo exterior objetivo”; j) o critério da verdade é a prática; l) o conhecimento atravessa três etapas: o conhecimento sensível, o conhecimento racional e o conhecimento aplicado; e m) o conhecimento possui um caráter de classe e um caráter prático, pois a teoria depende, se fundamenta e serve da prática.

Neste momento, estamos em condições de compreender por que Mao erige a dialética em um dogma, reificando-a. Qual o motivo em distinguir entre contradição antagônica e contradição não-antagônica ao invés de distinguir entre contradição e não-contradição? Por que sustentar a existência de contradição em tudo? De onde vem esta vontade de salvar o dogma? De vem esta metafísica pseudodialética? A resposta é a seguinte: vem da vontade de justificar a estratégia política do Partido Comunista Chinês. A estruturação da dialética por Mao Tse-Tung surge das necessidades práticas do PCC e por isso a dialética de Mao e a estratégia do PCC possuem estruturas homólogas. Uma vez criada à imagem da estratégia do PCC, a “dialética” maoísta passa a ser aplicável a tudo, inclusive a própria estratégia do PCC, que é reforçada por sua correspondência com a dialética.

Se a contradição está em tudo, então estará presente também no PCC. Entretanto, esta não é a “contradição principal” e nem sequer é uma “contradição antagônica”. Se existe contradição no PCC, isto se deve ao fato de que as ideias são reflexos da realidade objetiva contraditória e por isso também são contraditórias. A superação disto só pode

acontecer com a correspondência das ideias com a realidade objetiva e isto só pode ocorrer apelando-se para a dialética, o conhecimento racional.

Assim, se justifica as contradições no interior do PCC e mantém-se a unidade do partido e, ainda, esta explicação apresentando-se como verdadeira tende a ser convincente e assim conquistar para o seu defensor a hegemonia no interior do partido. Desta forma, conclui-se que as contradições no interior do PCC não são contradições de classe ou derivadas delas, e sim contradições específicas. Compreendendo a lei da contradição se observa isto e ao aplicá-la a realidade, a revolução, passa-se a andar no caminho justo.

É o próprio Mao Tse-Tung que fala do exemplo das contradições do PCC e quase todos os seus exemplos para justificar e confirmar a dialética são retirados da estratégia do PCC. A dialética é verdadeira e é confirmada pela estratégia do PCC e esta, por sua vez, é justa e confirmada pela dialética... mas, sob o pretexto de confirmar a dialética, o que Mao confirma mesmo é a estratégia do PCC. Portanto, cria-se uma unidade entre a dialética e a estratégia do PCC e por isso ambos se confirmam reciprocamente e devem ser defendidos dogmaticamente. A motivação da transformação da dialética em dogma por Mao Tse-Tung vem da necessidade de justificar a estratégia do PCC.

Vamos ver agora cada elemento da concepção de dialética em Mao Tse-Tung e compará-la com sua utilidade para justificar a estratégia do PCC. Começemos pela lei da contradição universal. Para Mao,

“Segundo o ponto de vista da dialética materialista, as mudanças da natureza são devidas, principalmente, ao desenvolvimento de suas contradições internas. Aquelas que ocorrem na sociedade originam-se sobretudo do desenvolvimento das contradições situadas no interior da sociedade, isto é, das contradições entre as forças produtivas e relações de produção, entre as classes, entre o novo e o antigo. O desenvolvimento dessas contradições faz avançar a sociedade, motiva a substituição da velha sociedade pela nova” (Mao Tse-Tung, 1979, p. 21).

Tal concepção de que a contradição está em tudo e que provoca mudanças qualitativas vem para justificar a necessidade de revolução social. Isto era ainda mais necessário ao se observar que a china era um país de desenvolvimento histórico lento, proporcionado pelo modo de produção tributário, e que possuía toda uma tradição cultural que apresentava uma visão estática do mundo, tal como o confucionismo. O mesmo valor justificativo possui a ideia de que a contradição acompanha o processo de desenvolvimento do início ao fim. O motivo é bem simples: à visão estática do mundo deve-se contrapor uma visão dinâmica. É por isso que Mao Tse-Tung gasta páginas de seu livro contrapondo as duas concepções de mundo que segundo ele existem: a metafísica e a dialética.

A ideia de cada objeto específico possui uma contradição específica vem para justificar e amenizar as contradições que ocorrem no interior do partido e das massas (entre campesinato e proletariado, por exemplo), o que é necessário para se manter a unidade e assim ser mais eficaz na luta contra quem detém o poder. A tese de que estas contradições se manifestam de forma diferente vem para justificar alianças, e o mesmo vale para a ideia acima colocada, e rompimentos. Outra função desta tese é colocar em evidencia a possibilidade de uma contradição antagônica se tornar não-antagônica e vice-versa, haver alteração na contradição principal ou inversão em seu aspecto principal, etc., as quais possuem funções análogas. Por isso, afirma ele, as contradições qualitativamente diferentes devem ser resolvidas por “métodos qualitativamente diferentes”. Quais são estes métodos? No caso da contradição entre burguesia e proletariado é a revolução socialista, no caso da contradição entre massas populares e sistema feudal é a revolução democrática, no caso da contradição entre agressão imperialista e forças nacionais é a união nacional entre as classes para combater as forças externas. Aqui se vê a justificativa

das constantes alianças com o Kuomintang, força nacionalista burguesa, que o PCC fez em diferentes oportunidades .

A afirmação de que existe uma contradição principal e contradições secundárias vem para justificar, também, as alianças e rompimentos, e ainda, que é necessário se subordinar a contradição principal a alguma outra contradição secundária dependendo da conjuntura. Tal como Mao colocou: “quando o imperialismo lança uma guerra de agressão contra um tal país, as diversas classes desse país, com exceção de um pequeno número de traidores da nação, podem se unir temporariamente numa guerra nacional contra o imperialismo. A contradição entre o imperialismo e o país considerado torna-se então a contradição principal, e todas as contradições entre as diversas classes no interior do país (aí compreendida a contradição entre o sistema feudal e as massas populares, que era a principal), passam temporariamente para o segundo plano e para uma posição subordinada” e acrescenta “tal é o caso da China na Guerra do Ópio de 1840, a Guerra sino-japonesa de 1894, a Guerra dos Yihotouan em 1900, e a atual guerra sino-japonesa”, onde se viu a aliança entre o PCC e o Kuomintang.

A tese de que é possível haver uma inversão de posições entre os aspectos contraditórios existentes vem para justificar a contrarrevolução burocrática na Rússia e a ideologia leninista-stalinista, assim como sua repetição histórica para a China. O proletariado, no exemplo de Mao, se torna classe dominante e a burguesia passa a ser a classe dominada, e isto significa que a dominação permanece e o “proletariado” irá dominar a “classe burguesa” através do PCC, ou seja, como ocorreu de fato posteriormente pela burocracia partidária que se fundiu com a burocracia estatal e declarou sua ditadura como sendo a “ditadura do proletariado”, inclusive sobre o próprio proletariado. Tal justificativa era necessária, pois o auxílio russo em caso de interferência estrangeira era indispensável para a China, bem como o seu auxílio socioeconômico. A

aliança entre China e Rússia precisava ser reforçada pela aliança ideológica entre estes países. É por isto que Mao cita várias vezes os “quatro clássicos do marxismo”: Marx, Engels, Lênin e Stálin.

A distinção entre contradição antagônica e não-antagônica também vem para justificar a estratégia do PCC:

“Enquanto as classes existirem, as contradições, as ideias verdadeiras, e as ideias falsas serão o reflexo das contradições de classes. No início, ou em certas questões, essas contradições podem não se manifestar logo em seguida como antagonistas, mas com o desenvolvimento da luta de classes elas podem vir a ser antagonistas. A história do P. C. da URSS mostra-nos que as contradições entre as concepções verdadeiras de Lênin e Stálin, e as concepções falsas de Trotsky, Bukhárin e outros, não se manifestavam de início como antagonistas, mas, que em seguida, se tornaram antagonistas. Casos semelhantes apresentam-se na história do P. C. Chinês. As contradições entre as concepções verdadeiras de vários companheiros do P. C. e as concepções falsas de Tchen Tou-sieou, Tchan Kouo-tao e outros, também não se manifestaram no início sob uma forma antagonista, mas se tornaram mais tarde. Atualmente, as contradições entre as concepções verdadeiras e as falsas no seio do P. C. não tomaram uma forma antagonista, elas não chegaram ao antagonismo caso nossos companheiros saibam corrigir seus erros. Isso porque o Partido deve, por um lado, dirigir uma séria luta contra as concepções falsas, mas, por outro, dar toda a possibilidade aos que cometeram erros de tomar consciência deles. Nessas circunstâncias uma luta levada às últimas consequências é inadequada. Entretanto, se aqueles que cometeram erros persistirem em sua posição e os agravarem, essas contradições podem se tornar antagonistas” (Grifos Meus) (Mao Tse-Tung, 1979, p. 57).

As demais concepções de Mao são produto da sua ideologia do conhecimento. Ela se caracteriza por subordinar totalmente a teoria à prática e por isso podemos tratar essas concepções em bloco. A subordinação da teoria à prática ocorre através do pretexto de criar uma “unidade” entre elas. Isto serve para combater o que Mao chama de “oportunismo de direita” e “oportunismo de esquerda” e assim ofuscar a visão do oportunismo maoísta, exemplarmente demonstrado em seu malabarismo ideológico das

contradições (principais, secundárias, de aspecto principal, de aspectos secundários, antagônicas, não-antagônicas, etc.).

A ideia de que a ideologia serve a prática tem um valor explicativo: a ideologia maoísta serve a prática maoísta. Há uma unidade aí, mas isto apenas quer dizer que Mao Tse-Tung não vê nenhum papel ativo para a consciência, pois ela é reflexo da realidade objetiva. Ela só tem valor se servir a prática. Mao Tse-Tung nunca questiona a prática e se pergunta sobre o que ocorre com a ideologia se ela estiver correspondendo a uma prática equivocada, pois isto seria equivalente a perguntar sobre sua prática e sua ideologia. Ao tornar a ideologia mera serviçal da prática, torna-se possível, simultaneamente, reificar a ideologia correspondente a prática e, desta forma, cair no dogmatismo e no doutrinário. É isto que ocorre com Mao Tse-Tung, pois ele considera sua prática como revolucionária e assim julga que sua ideologia, que é correspondente a sua prática, também é e assim ambas são justificadas e reificadas. Para Mao, o lado ativo da consciência, ao contrário de Marx, reside na sua aplicação prática. Mao Tse-Tung expressa, assim, uma consciência coisificada que é um elogio da própria consciência coisificada. De qualquer forma, isto é coerente, pois Mao, como líder do PCC, considera sua prática como a prática revolucionária. A ideologia correspondente a ela é, pois, a ideologia considerada por ele como “revolucionária”.

Por fim, observamos que a estruturação da dialética por Mao Tse-Tung corresponde à estratégia do PCC, que ela é uma ideologia que corresponde a uma determinada prática (a do PCC). Neste sentido, Mao Tse-Tung teve o mérito de deformar o método dialético e transformá-lo na verdade revelada e servir de ideologia da contrarrevolução e do capitalismo de estado chinês.

### REFERÊNCIAS

MAO TSE-TUNG, Sobre a Contradição. In: MODERNO, J. R. C. (org.). *O Pensamento de Mao Tse-Tung*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1979.

MAO TSE-TUNG, Sobre a Prática. In: MODERNO, J. R. C. (org.). *O Pensamento de Mao Tse-Tung*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1979.

MODERNO, J. R. C. Introdução. In: *O Pensamento de Mao Tse-Tung*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1979.

VIANA, Nildo. *A Consciência da História*. Ensaio Sobre o Materialismo Histórico-Dialético. Rio de Janeiro, Achiamé, 2007b.

VIANA, Nildo. *Escritos Metodológicos de Marx*. Goiânia, Alternativa, 2007a.

Ensaio publicado originalmente em “O Fim do Marxismo e outros ensaios. São Paulo, Giz Editorial, 2007.